



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

GLOBALIZAÇÃO E SOCIEDADE: A CONTRADIÇÃO DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

BARILARI, Cleide Aparecida Martins
Mestranda em Educação da UNIUBE.
acbarilari@uol.com.br

O século XX se encerrou marcado por uma sociedade globalizada em termos tecnológicos, econômicos, culturais e com os avanços no segmento de informações trazendo mudanças expressivas no cenário mundial. Hobsbawm chamou-o de breve século XX, numa visão dos fatos mais importantes iniciados com a Primeira Guerra Mundial (1914) até a dissolução do império soviético (1991). Muitos superlativos foram descritos em torno desse século em relação às tragédias.

Fazendo uma rápida alusão a esse período, observa-se que ao final da Primeira Guerra Mundial, ocorreu o estabelecimento efetivo da mudança do eixo hegemônico da Inglaterra para os Estados Unidos. Estes se apresentam como a grande potência que iria resolver o problema dos europeus, participando da reconstrução no pós- guerra.

Tudo ia bem, se fosse levado em conta que a década de vinte foi marcada pela grande prosperidade econômica estadunidense. Porém, tudo muda com a grave crise dessa economia, desencadeada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929. Esse acontecimento ficou conhecido como a Grande Depressão dos anos 1930. A Europa Ocidental capitalista e os Estados Unidos estavam baseados, ainda, no



liberalismo econômico proposto por Adam Smith, David Ricardo e outros clássicos do século XIX. Os neoclássicos que presenciaram o desencadear dessa crise não conseguiram explicá-la e, muito menos, propor medidas que a combatessem, considerada por muitos economistas como a maior crise do capitalismo no século XX. As economias capitalistas européias, dependentes, naquele momento, de capitais estadunidenses para a sua reconstrução, sofreram gravemente as conseqüências dessa crise. Um dos subprodutos da crise européia no período entre guerras foi Adolph Hitler, com seu discurso ultranacionalista, dando origem ao nazismo alemão e a práticas políticas e econômicas beligerantes; assim como discurso fez ascender ao poder na Itália o fascismo de Benito Mussolini, o franquismo na Espanha, o Stanilismo na Rússia e, devemos destacar, também, o populismo latino-americano. São os regimes políticos totalitários legitimados e dando espaço para a entrada em cena do “Estado Forte”.

A Grande Depressão desencadeada em 1929, gerava a adoção de políticas keynesianas, ou seja, o início do processo de intervenção do Estado na economia, como mola propulsora de um novo ciclo de crescimento econômico. Não cabe, nesse momento, especificar que tipo de políticas eram estas, que se completam após o fim da 2ª Guerra Mundial. É importante destacar que o resultado desse conflito só pôde ser medido quando o Holocausto foi apresentado ao mundo. A percepção era a de que a Liga das Nações¹ havia falhado no seu objetivo de administrar a paz.

¹ A Liga das Nações foi criada ao final da 1ª Guerra Mundial exatamente com o objetivo de impedir novos conflitos. No entanto, com o advento da 2ª Grande Guerra, a Liga das Nações deixa de existir e em seu lugar surge a Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo é servir de espaço de discussão em torno dos problemas na medida em que fossem surgindo, sem deixar esses conflitos prosperarem.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Passado o impacto sobre a realidade produzida no decorrer da 2ª Guerra, deve-se ressaltar que Hobsbawm (2003) considerou o período pós Segunda Guerra Mundial, de ciclo de ouro, numa referência ao desenvolvimento do capitalismo observado a partir de então. Não se pode esquecer, no entanto, que a Segunda Guerra Mundial e o esforço produtivo voltado para a guerra foi uma das alavancas que levou à expansão das economias capitalistas, deixando para trás, ao final da guerra, também a crise que se desenrolava na década de 1930.

Esse ciclo de crescimento no pós Segunda Guerra, foi marcado por altas taxas inflacionárias, devido à forte emissão de moedas por parte da grande maioria dos países capitalistas, senão todos. O abandono do padrão-ouro – sistema que dava sustentação ao valor da moeda emitida –, levou ao aumento do processo inflacionário tanto nos países desenvolvidos quanto nos países subdesenvolvidos. A teoria econômica explica bem esse fenômeno, comprovando que em períodos de expansão inflacionária, consegue-se, também, crescimento econômico e, ao contrário, em períodos de combate à inflação, as economias tendem a apresentar um processo recessivo, ou seja, baixo (ou nulo) crescimento econômico (VASCONCELLOS e PINHO, 2002).

Esse grande ciclo de crescimento das economias capitalistas sofre a falta de continuidade com a primeira crise do petróleo, desencadeada pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP – em 1973. O petróleo, como principal fonte de energia para o sistema capitalista, teve o seu preço quadruplicado. Essa decisão fez com que, na prática, os dólares do comércio internacional fossem canalizados para as mãos dos países exportadores de petróleo, recebendo, inclusive, a denominação de petrodólares na ocasião. A segunda crise do petróleo, em 1979, veio acompanhada de uma grande elevação nas taxas de juros internacionais, levando a uma nova crise mundial. Só que, dessa vez, os países subdesenvolvidos, devedores, foram os mais afetados. A América Latina foi lançada à grave crise dos anos 1980, que mesclava a



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

crise do endividamento externo com o alto índice inflacionário interno vivido no decorrer do período.

Havia a necessidade de combater a inflação. Os países desenvolvidos, capitaneados pela Inglaterra (Margareth Thatcher) e Estados Unidos (Ronald Reagan), saíram na frente e adotaram, no decorrer dos anos 1970, políticas neoliberais no combate à inflação e receitaram tais medidas para os países subdesenvolvidos. Esse neoliberalismo surgia como uma negação ao keynesianismo e como medida salvadora para os países subdesenvolvidos na tarefa de promover o equilíbrio macroeconômico. Durante toda a década de 1980, tentativas frustradas de debelar a inflação aconteceram na América Latina, mas sem sucesso para a maioria dos países. A exceção, nesse momento, era a economia chilena que, graças à ditadura de Pinochet, havia imposto medidas de reestruturação econômica já nos anos setenta. Em 1989, uma reunião na capital estadunidense, fez nascer um novo pacto entre países credores e devedores – Consenso de Washington. Esta reunião marcou o ingresso dos países da América Latina na onda neoliberal (na verdade essa foi a condição imposta pelos países credores para a renegociação da dívida externa dos países latino-americanos), confirmada pelas decisões dos governos no decorrer dos anos 1990 e trazendo como principal consequência um grande aumento nos índices de desemprego (HOBSBAWM, 2003).

Se tomarmos a abordagem de Antunes (2004) em relação ao mercado de trabalho, será observado, novamente, esse mesmo período. Entre 1910 e 1920, a estrutura fordista² de produção marca o início desse século, complementada pela estrutura taylorista de administração. O período entre guerras deve ser analisado em parte, mas não se deve esquecer que esse momento marca o ingresso da força de

² Estrutura que deu início ao que ficou conhecido como produção em série.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

trabalho feminina como substitutiva da mão-de-obra masculina que estava voltada para o esforço de guerra. O ciclo de crescimento econômico acontece e o Welfare State³ irá marcar o avanço das conquistas sociais dos trabalhadores nos países desenvolvidos. Cabe, então, aos países subdesenvolvidos tentar copiar tal modelo, que, na verdade, irá entrar em crise antes que estes consigam avançar na sua estrutura social.

Após a crise do petróleo dos anos de 1970, o toyotismo⁴ assume o posto de estrutura produtiva mais eficiente, até desembocar nos anos 1990, quando associado ao neoliberalismo, vai trazer como marco principal o desemprego estrutural. Está-se vivendo o momento das discussões em torno das conseqüências desse desemprego, ou seja, o aumento da miséria e pobreza, também, em escala global. A discussão sai do âmbito da alienação do trabalho para a alienação do desemprego (marcado pela baixa auto-estima do sujeito desempregado que não consegue se inserir no novo contexto produtivo da era da alta tecnologia).

As abordagens propostas até aqui serão acrescidas dos fatos que caracterizaram o final do século XX e se colocam como a trilha a ser seguida para o século XXI. Ianni (1997) e Castells (1999) apresentam as suas abordagens já voltadas para esse novo momento. A “aldeia global” é uma realidade graças ao desenvolvimento tecnológico da eletrônica, da informática e das telecomunicações. Uma das conseqüências dessa nova realidade é o surgimento de uma cultura de massa mundial potencializada pela mídia eletrônica.

³ Welfare State: estado de bem-estar social como política de controle dos problemas sociais advindos das crises sociais e econômicas do pós-guerra, onde o Estado promove garantias sociais aos seus cidadãos do berço ao túmulo. Esse modelo passou a ser perseguido pelos países latino-americanos, mas sem sucesso pela falta de recursos.

⁴ Estrutura produtiva diferenciada por promover parcerias entre as empresas envolvidas no processo produtivo em determinado segmento, como o automobilístico, por exemplo, que deu nome à essa estrutura que previa contenção de custos de produção e uma maior aproximação nas esferas internas de controle administrativo.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

No bojo dessas transformações surge uma nova ordem econômica mundial que se caracteriza pela mundialização não só do processo de produção, mas também do consumo. Através dessa prática, observa-se uma maior aproximação e um maior diálogo entre as várias culturas, justificando o termo aldeia global. O mundo está interligado num grande mercado e os cidadãos foram convertidos em consumidores (CASTELLS, 1999). A mídia cuida para que todos, independentemente das características peculiares, sintam desejos de consumo, por isso a fase da adolescência se tornou o marco dessa globalização. Onde quer que se vá, as marcas da adolescência são visíveis. O sistema de marketing e propaganda, envolvendo produtos de distribuição e consumo mundial, tenta focar sua mensagem nos jovens que apresentam uma capacidade crítica em relação ao consumo menor do que adultos e idosos. A disseminação do consumo, então, se torna mais rápida e os jovens passam a se identificar com os outros jovens independentemente da nacionalidade. O que os une acabam sendo os “produtos de massa” e os eletro-eletrônicos acabam exercendo um fascínio generalizado.

O mercado de trabalho, por exemplo, tem exigido dos especialistas um conhecimento mais abrangente desse mercado. Os intelectuais precisam ter um conhecimento de alcance global, não serve mais o especialista local ou regional, pois a produção e a reprodução assumem um caráter de universalização cultural. Essa situação se concretiza através dos meios de comunicação, que num sistema de linguagem universal, promove a dominação dos mercados consumidores, olhando o cidadão não mais como tal, e sim consumidor (ANTUNES, 2004). O paradoxo entre o SER e o TER se estabelece, quando o sujeito auto avalia-se de acordo com o seu potencial de consumidor que, para isso, precisa ter renda. O excluído economicamente, pelo fato de não TER, não se reconhece como SER tal qual os outros. A baixa auto-estima se intensifica e pode, inclusive, potencializar ações ilícitas.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

No contexto dessa linguagem universal, retorna-se a uma discussão anterior, em relação à língua inglesa, onde Ianni (2002) vem confirmar essa visão de disseminação do inglês por força do imperialismo econômico inglês, seguido pelo imperialismo econômico-cultural estadunidense. Eis que o inglês se tornou o idioma universal da aldeia global.

O inglês tem uma posição dominante na ciência, tecnologia, medicina e computação; na pesquisa, livros, periódicos e software; nos negócios transnacionais, comércio, navegação e aviação; na diplomacia e organizações internacionais; na cultura de massa e no esporte; e nos sistemas educacionais, como a língua estrangeira que mais amplamente se aprende. (...) A difusão do inglês é excepcional, tanto em termos de alcance geográfico como no que se refere à profundidade da sua penetração. (IANNI, 2002, p. 138).

Castells (1999) chama a atenção para a nova realidade que contempla a Revolução Tecnológica que foi iniciada nos países desenvolvidos. E é a partir desses recursos tecnológicos que o capitalismo irá promover a sua reestruturação, visando o aumento do acúmulo capitalista dentro dos chamados padrões flexíveis de produção. Essas mudanças não serão apenas de caráter econômico, também observa-se uma redefinição de papéis em termos familiares, sexuais, pessoais etc., levando, inclusive a uma redefinição da concepção individualista ocidentalizada que entra em crise. No aspecto religioso, destaca o fundamentalismo como uma das alternativas na busca da identidade por parte das pessoas nessa grande aldeia. Mesmo assim Castells (1999) acredita numa ação social significativa e na adoção de políticas transformadoras que possam auxiliar nesse processo de busca da nova identidade. Essa revolução tecnológica apresenta ao mundo uma nova economia, assim como uma nova sociedade e cultura. Não se deve esquecer que os Estados Unidos se utilizam cada vez mais dessas novas tecnologias para disseminar o seu modelo de cultura consumista para o restante do mundo.

A década de 1960 marcou o início desse processo com o surgimento da Internet, como um produto da arquitetura da rede para fins militares, criada pelo serviço de



espionagem estadunidense. Havia a necessidade de se criar um sistema de segurança em rede, mas que pudesse ser acessada de qualquer lugar, numa forma de confundir o inimigo, no auge da Guerra Fria⁵. Essa disseminação fez com que os seus idealizadores estendessem o domínio de sua própria invenção, desviando sua atenção dos objetivos militares e canalizando esforços para os objetivos econômicos. Em determinado momento, a grande rede já estava presente em vários pontos do planeta, e os idealizadores do processo passaram a usufruir dos ganhos em outras esferas ainda mais rentáveis: a disseminação do consumo de produtos com alto valor agregado de tecnologia, que está revolucionando todos os setores da vida cotidiana.

A China é citada como um país que apresentou um dos primeiros grandes desenvolvimentos tecnológicos no seu passado milenar, mas em determinado momento abandonou essa prática. Castells (1999) acredita que o papel do Estado chinês foi preponderante nessa tomada de decisão, o que levou a China a sair de uma posição de destaque para o atraso em termos tecnológicos, tomando como base os fatos no decorrer do século XX. O Estado soviético, por seu turno, promoveu um grande avanço tecnológico a partir da Revolução de 1917. Elevou-se à condição de potência mundial e, no final dos anos 1980, apresentava-se ao mundo como uma potência decadente. Isso significa que o Estado que foi capaz de alavancar o desenvolvimento tecnológico, não foi capaz de sustentá-lo dentro do contexto socialista. Já o Japão, um dos países que mais sofreram com os efeitos da Segunda Grande Guerra, teve competência na sua revolução tecnológica, num processo endógeno de desenvolvimento que marcou a Era Meiji. Esse desenvolvimento

⁵ A Guerra Fria foi o período marcado pela bipolarização em torno do modo de produção capitalista tutelado pelos Estados Unidos e, do outro lado, o modo de produção socialista liderado pela já extinta União Soviética. Cada qual queria exercer o seu domínio e esse quadro esteve próximo de uma Terceira Guerra Mundial, pela disposição destes países em demonstrarem seu poderio militar.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

aconteceu na forma de transferência de tecnologia do ocidente, que foi transformada dentro do Japão, dando a característica oriental para determinados produtos.

Portanto, a sociedade que chega ao final do século XX é capitalista e informacional. O modo de produção é o capitalismo ou o estatismo. O modo informacional de desenvolvimento superou o industrialismo surgindo o informacionalismo vinculado ao desenvolvimento das tecnologias da informação. A produção flexível gera, de um lado, a possibilidade de aumento do consumo e, também, o aumento do excedente que pode se traduzir em lucros. A experiência pessoal dentro desse novo contexto é observada pela busca da satisfação das necessidades e dos mais diferentes desejos do ser humano. E o poder que se estabeleceu na relação entre os sujeitos, baseado no processo produtivo e na experiência adquirida, possibilita a imposição da vontade de alguns sobre os outros, utilizando métodos que vão desde a violência até o uso de símbolos que fazem nascer os desejos humanos. Tudo isso só é possível a partir da aquisição de novos conhecimentos e a apropriação de informações. Está configurado, então, o capitalismo informacional.

Nas palavras de Castells (1999, p. 36-37),

[...] uma série de reformas, tanto no âmbito das instituições como do gerenciamento empresarial, visavam quatro objetivos principais: aprofundar a lógica capitalista de busca de lucro nas relações capital/trabalho; aumentar a produtividade do trabalho e do capital; globalizar a produção, circulação e mercados, aproveitando a oportunidade das condições mais vantajosas para a realização de lucros em todos os lugares; e direcionar o apoio estatal para ganhos de produtividade e competitividade das economias nacionais, freqüentemente em detrimento da proteção social e das normas de interesse público. A inovação tecnológica e a transformação organizacional com enfoque na flexibilidade e na adaptabilidade foram absolutamente cruciais para garantir a velocidade e a eficiência da reestruturação. Pode-se afirmar que, sem a nova tecnologia da informação, o capitalismo global teria sido uma realidade muito limitada: o gerenciamento flexível teria sido limitado à redução de pessoal, e a nova rodada de gastos, tanto em bens de capital quanto em novos produtos para o consumidor, não teria sido suficiente para compensar a redução de gastos públicos.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba
ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Deve-se acrescentar apenas o fato de que todo o aparato organizacional em termos sindicais, para a proteção dos interesses das classes trabalhadoras, foi desmantelado com as políticas de flexibilização dos mercados de trabalho, beneficiando a apropriação capitalista, em detrimento das garantias sociais conquistadas no período pós Segunda Guerra Mundial. Não só o trabalhador, mas o ser humano em geral, está em busca de uma identidade nessa nova realidade chamada aldeia global. A sociedade em rede pode estar aproximando os povos por um aspecto, mas pode estar distanciando-os na medida em que estes não conseguem se ver como parte desse processo global de produção, consumo e desejos. Porque a globalização integra o mundo por um lado, mas a riqueza produzida é ainda fator de exclusão social de enormes contingentes da população mundial, exclusões estas maquiadas por políticas compensatórias de inclusão precária que apenas amenizam as desigualdades, ou, muitas vezes, servem somente para mascarar o processo de aumento de pobreza e miséria globais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In. Educação e Sociedade. São Paulo: Cortez; Campinas: CEDS, vol. 25, n. 87, mai/ago.2004, p. 335-352.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22-47.

HOBBSBAWM, Eric. Era dos Extremos – o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 11-26.

IANNI, Otávio. Teorias da Globalização. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002, p. 119-141.

VASCONCELLOS, Marco Antonio de Sandoval e PINHO, Diva Benevides (org.). Manual de Economia. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2002.



Mestrado em Educação
Revista Profissão Docente

UNIUBE – Universidade de Uberaba

ISSN:1519-0919

www.uniube.br/propep/mestrado/revista/



UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Cleide Aparecida Martins Barilari

Mestranda em Educação da UNIUBE.
acbarilari@uol.com.br

Revista
Profissão Docente